Original, por ser letra do mesmo Autor

Discurso Politico do P.e Ab.e Vieira

Ainda q̃ particular providencia com q̃ Deos tem assistido na restauração, e conservação de Nosso Senhor D. João Portugal, e boa fortuna de V. Mag.de vendo-a grande, como em tam diversos casos lo tem expri=mido, nos estão prometendo a continuação de felices sucessos, e parece q̃ segurando-nos a perpetuação do Reino, como todas as cousas estão sugeitas ao incremento dos tempos, e nenhuma mais q̃ as Monarchias, aquellas principalmente q̃ tendo humildes, e pequenos os estamos em seus principios não tem ainda lançado firmes raizes. O amor da patria, o zelo do Reino, o desejo de q̃ a coroa de Portugal se perpetue sem fim na gloriosa descendencia de V. Mag.de e a mesma providen=cia divina q̃ sempre quer ser ajudada da diligencia, e industria humana obriga a todos os leaes, e mais fieis Vassallos de V. Mag.de a procurar a seus reais pes representar de V. Mag.de o perigo em q̃ está, ou pode estar este Reino, e os meios efficazes com q̃ se lhe deve acudir, e procurar os seguros de sua conservação.

O Reino de Portugal sendo não molestando os estados imigos de que temos, parece que está duvidoso sua conservação, porq̃ ou a considerem o feudo no poder proprio, ou no alheio, tam e outro estão ameaçando pouca firmeza: O poder alheio imigo se funda a conservação de Portugal se resistencia q̃ fazem as armadas de França, e ainda q̃ emquanto esta durar, parece que estamos seguros, como athe agora, mas por muitos, e efficazes motivos se deve considerar pouco dura=vel: os successos da guerra são muito varios, e como as armadas de França estão hoje victoriosas podem estar amanhã as de Castella principalmente quando os danos da guerra, e a experiencia do Imperio Fran=cez faz ainda bem sentido de nenhuma nação vão ja desvanecendo os animos dos Castelhanos, e em fim se conhece a arrogancia, a nação Franceza naturalmente he inconstante, inquieta, amiga de novidades, facil de corromper com dinheiro, e se tantas vezes em nossos dias vimos rebellado o Duque de Orleans contra seu Irmão hum Rey tam bellicoso como senão recearà q̃ o mesmo Duque, ou outro conde de Fuitors, se atreva contra hum Rey menino de seis annos e q̃ aspirem quando menos a perturbar a paz q̃ ja não defende o respeito de hum tam grande Rey, nem a assistencia de hum tam prudente privado, principalmente q̃ não se descuidarão as intelligencias de Castella de solicitar e comprar estas inquietações de França, quando dellas depende seu remedio, nem os Re=ligios Francezes duvidarão de as aceitar p.a melhorar seu partido.

Tambem não pode durar muito esta guerra, porq̃ como as rendas reaes de França não são bastan=tes a sustentar tanto numero de exercitos, e armadas, todos estes gastos carregam sobre os pouvos q̃ se vem molestados com gravissimos tributos, e os clamores de toda França estão pedindo paz, não se remediando esta impossibilidade com as victorias q̃ suas armas alcanção, porq̃ estas não lhe acrescentão riqueza, antes a diminuem multiplicando novos empenhos como se vee na assistencia de Catalunha, e nas outras graves q̃ estes annos tem occupado em Italia, e Alemanha, pelo q̃ nin=gua França esteve mais perto q̃ hoje de fazer paz com Castella, e com os outros Principes de Europa e a este fim se encaminhão tantos exercitos levantados este anno, e tanto numero de navios nas costas do Oceano, e Mediterraneo pretendendo com esta superioridade serem os arbitros da Dieta e fiarem, e fiarem nos concertos com avantajadas partidas, sendo sem duvida q̃ Castella aceitarà todas as q̃ lhe fizerem pois dellas depende sua quietação como obra, e mostrão as diligencias publi=cas e secretas com q̃ solicitão os meios desta paz.

Ainda q̃ nas pazes, ou compridas tregoas se de effeituarem, entre tambem o Reino de Portugal he certo q̃ não nos durará mais o effeito dellas q̃ emquanto o Castellano preuenir suas armas p.a as voltar todas sobre nos, sem por isto aos Franceses, nem outro algum Principe tomar guerra com Castella por mais q̃ o tenhão prometido, e jurado, porq̃ nenhum segue mais Ley q̃ as da conveni=encia propria, e imaginar o contrario he querer mudar o mundo, negar a experiencia, e supor impos=siveis, antes se deve recear politicamente q̃ folgarão os Franceses de ver q̃ nenhuma vitoria alcançado Portugal alcançar desuperacão como a de Catalunha q̃ trocarem o nome de amigos no de Protectores como ja se practica entre elles e q̃ isto dezenteneiro historias, fundão direitos, e alcanção etymologias e não seria em q̃ à ambição Franceza se lhe antepasse Portugal pela vizinhança, quando em vida do seu cardeal tratarão da nossa Ilha de Sam Lourenço, e outros lugares das conquistas como consta

Mg.de foi avizado.

Por todas estas razões se conhece q̃ a liberdade com França suspende as armas de Castella quando menos he duvidoza, e pouco firme, e ainda q̃ haja outras razões q̃ não podem ser forçadas pela parte contraria poderão os Francezes entendelas de outra maneira em conservação q̃ se funda seo parecer, no poder, e na vontade alheia; bem se vee quam fraca he, e quam mal fundada. isto q̃ ao poder tocarão:

O poder proprio em q̃ se funda a conservação de Portugal ou são as forças interiores do Reyno, ou as exteriores das conquistas, e nenhũa per si, nem ambas juntas são bastantes ao conservar naturalm.te em caso q̃ tenhamos guerra com o poder de Castella de q̃ se não hade duvidar.

Posto q̃ o poder militar consta de gente, armas, munições, bastim.tos et.a tudo isto se reduz ao dinheiro, e he certo q̃ preseverando as cousas de Portugal no estado prezente nunqua o Reyno poderá socorrer a V. Mg.de com maiores summas de dr.º do q̃ o fez estes annos, porq̃ alem dos direitos, das decimas, e mais tributos acrescerão donativos, confiscações, o crecim.to da moeda, e outros acrescimentos de fazenda q̃ se não podem esperar cada anno, e dispendendo-se tudo isto em proveito do Reyno estreitando V. Mg.de com exemplo verdadeiram.te de pai da patria, os gastos da sua Real pessoa e caza, vemos com tudo q̃ as fronteiras, e Cidades principaes estão sem fortificações, os portos abertos, a costa, e lugares maritimos desprovidos, o Rio de Lix.a quasi sem armada, Alentejo com pouca cavallaria, e outras praças sem nenhũa, não bastando a prudencia de V. Mg.de nem o cuidado dos ministros a suprir com a industria os effeitos a q̃ não chega o cabedal, pois sendo se o dr.º de tres annos não foi bastante a fazer as prevenções necessarias p.a a defeza; q̃ thesouro ha em Portugal p.a se socorrer em hum subitto, quando seja acometido, se todas as rendas, e tributos sendo os maiores q̃ pode levar o Reyno apenas bastão p.a sustentar a guarnição de nossas fronteiras, com meia paga aos soldados, como q̃ hade sustentar hum poderozo exercito p.a resistir aas forças de Castella! e como se hade refazer este exercito em caso q̃ se rompa, ou diminua! se a pouca oppozição q̃ hoje nos faz o inimigo nos consume todo o cabedal, e ainda são necessarios emprestimos, e empenhos q̃ seria se arremessasse a Portugal todo o poder q̃ tem divertido em Cattalunha, e q̃ sera quando o faça.

Esta razão Senhor he evidente, e ainda mais a força della considerar q̃ o dr.º com q̃ o Reyno serve, e assiste a V. Mg.de não so não pode crecer, antes procedendo da mesma maneira cada vez será m.to menos, porq̃ as confiscações, e acrescimo da moeda forão accidentes q̃ se não podem repetir, as rendas, e commercio estão empenhadas p.a m.tos annos, os bens as terras, e os salarios não se pagão, com o levantam.to da moeda crecco o preço aas mercadurias, e os estrangeiros trazem prata em vez de drogas, com q̃ quebrarão m.to os direitos das alfandegas, as terras das fronteiras infestadas do inimigo, deixão de se cultivar m.tos lugares, as lavouras, e artes, levandolhes os officiaes da guerra os moradores, e q̃ tudo vai consumindo e attenuando as forças do Reyno e gastos tam largos q̃ em poucos tempos poderão difficultar em q̃ os homens manter as vidas, quanto mais pagar tributos, e sustentar as despezas da guerra.

As conquistas q̃ são a outra fonte do poder estão reduzidas a tal estado q̃ não melhorão esta esperança. De tres annos a esta parte tem V. Mg.de mandado aa India hũa não, e seis galiões, com socorro de todo este cabedal temos visto tres caravellas da India, reduzindo-nos aquella conquista pela gente, navios, e dinheiro q̃ nos tira de m.to maior estorvo e gasto que proveito, e com pouca probabilidade se pode esperar melhoria neste damno, porq̃ a pouca fee, e falsa amizade com q̃ os Hollandezes nos tratão, bem mostra q̃ debaixo do nome de paz nos querem fazer na India a mesma guerra que nos fizerão em Angola, Maranham, e Sam Thomé, entretendonos com fingidas promessas de restituições, e embaxadas p.a mais nos divertirem, e senhorearem de tudo.

O Brazil, de so q̃ sustenta o commercio, e Alfandegas, e chama aos nossos portos estes poucos navios de estrangeiros q̃ nelles vemos com a dezunião do Rio da prata, não tem dinheiro, e com a falta de Angola [illegible] serão assucar, porq̃ ja este anno veio pouco mais q̃ meia safra, e nos seguintes será por força cada vez mais q̃ meia safra, porq̃ a falta de negros de Angola não se pode suprir com escravos da terra desta parte, por serem incapazes de atturarem o trabalho dos canaviaes, e engenhos, como a experiencia mostra, e nem o socorro q̃ vai a Angola supposto o poder e a rezolução com q̃ os Hollandezes a tomarão promete mais effeito q̃ mostrar V. Mg.de a seus vassallos, o zelo e dezejo q̃ tem de os ajudar, e soccor=

Decorrer por todas as vias.

Este he o genuino cabedal com que Portugal no estado presente da paz, e igualdade do tempo da guerra, precisa sem os Inimigos, que com a entrada e temor dos inimigos impedem as lavouras, impossibilitando o comercio, cessão as artes, crece a gente nos lugares e cidades grandes, carestias, e das mais consequencias naturaes da guerra, como sendo mais difficultosos, e quasi impossiveis de pagar os tributos, e quando o zelo dos Vassallos ainda com tudo o que faziam, e a mesma de ultima obrigação estimar a gloria das Armas, este socorro seria bastante, e o governo ou de quinze annos, a guerra de Portugal não pode duvidar de durar em seis, pelejamos dentro em Portugal com amistosos inimigos que tem sido delle por quarenta annos de mais de cincoenta annos.

Do todo este discurso se colhe em evidencia a necessidade do desejo de Portugal, enquanto se lhe não busca outro remedio, quando menos de duvidosa e arriscada, e assim o tentam todos os Politicos do Mundo, e pesas pelas forças das Alvorandas, e medem os receios pela ordem de ostentarem assim nas guerras das Principes, de Europa são todos em este desejo o Papa não recebendo Ministros embaixadores, Dinamarca não admittindo confederação, Suecia não continuando o comercio, Hollanda não guardando amizade e paz de Franca, e mais obrigado para não mandando embaixador assistente, sendo como he desejo de agravo e de sentimento, que se tem visto em Lisboa huma embaixada de alguns Principes de Europa, e tem sahido desta corte dita embaixada, e outra alguma obra disse se tem duvidado, o estado de evidente demonstração do menos conceito, que os Principes fazem do nosso poder, e da pouca probabilidade como discorrem sobre nossa conservação: esta mesma desconfiança tem todos os Ministros de negocio, cujos interesses como fundados no proprio interesse são sempre os mais seguros, e como de ordinario tem os Intelligentes do Mundo são os menos acertados, e vemos que os mercadores estrangeiros, que ordinarios, fizeram as nossas portas de Portugal, e os Embaixadores Portuguezes, gastos seus cabedaes, e alguns de esperar a outras graças, porque assim uns como outros não tem por segura sua fazenda nesta Nação.

Este he o estado, e o nosso conhecimento, esta a verdade do seu desejo, a que V. Mag.de deve ouvir, aceitar, e considerar, não como dita por hum vassallo particular, mas como representada a V. Mag.de pelos mais peritos e intelligentes, e pelo mais e commum de todo o Reino, que assim o discorre, e pratica, e pela opinião geral de toda as nações estrangeiras, e por o não desmentirem os Ministros de sua Magestade antecedentes, não conhecendo V. Mag.de estas razões como necessidade de temor, desconfiança, ou alguma affronta, mas sim como nobre, e certo de Portugal, porque os que mais sabem a V. Mag.de, os que mais sabem a conservação e perpetuidade da Coroa, e não tem dependencia nem podem ter esperança, e os Estados Darandas estrangeiros a V. Mag.de são os que isto entendem, e dizem, e o que o aguardo, e o que o acontecer de sua morte, ou cegueira ambição, e ultima Ley e ultimo Rey e ultimo V. Mag.de tenha por desprezo as razões apparentes como se persuadir a V. Mag.de o contrario, por não ser valedor de gente fria, ou de pouca intelligencia, e sendo a matteria o que a V. Mag.de se representa de tanta evidencia e importancia deve a V. Mag.de logo com dilação mandar tratar deste negocio, e o que se apresenta a V. Mag.de, o mais efficaz, e effectivo he o seguinte.

Supposto como se tem mostrado o desvelo da conservação de Portugal se funda todo na limitação de nosso poder, e na margem do desvelo, bem claro está, e se deve hum meio que diminua esse o que de nossos inimigos, e a circunstancia junta a nosso, este seria mais efficaz remedio a efficaz a segurança de nossa conservação, tal he sentir o que a V. Mag.de representa neste papel.

Em todos os Reinos e Provincias de Europa está espalhado grande numero de Mercadores Portuguezes Gentes de grossos cabedaes, que fazem em suas mãos mais que todo o comercio e riquezas do Mundo, todos elles pelo amor que tem a Portugal como patria sua, e a V. Mag.de como seu Rey natural estão desejosos de poderem tornar a este Reino, e servirem a V. Mag.de com as suas fazendas como fazem aos Reys estranhos, se V. Mag.de lhes permitir de os ajudar e chamar a seus dominios o comercio como Rey que de Portugal, seria sem o mais imperio do Mundo, e seria brevissimamente todo o Reino grande e opulencia e seguindo infinitas commodidades a Portugal juntas com a ajuda e principal de todas que se a sua conservação.

Por

Por primeiramente diminuirsela em 1te a potencia de nossos dous inimigos Olandezes, e Castellanos, por os homẽs de negocio Portuguezes são os q em Madrid, Sevilha, e Lisboa estão em rezas assentos da fazenda Real tomando e rispondendo sobre seu credito em 2os milhões em 3o não chegão as Frotas, como ainda na maior necessidade podem os Reys q se servem delles, sustentar o peso das guerras, e as despesas excessivas de grandes exercitos, q sem a assistencia destes homẽs lhe seria dificultosa, e quasi impossivel; os Hollandezes de maneira oraneira ficarão mui deminuidos no poder de suas companhias como nos tem tomado quasi toda a India Africa, e Brazil, por ainda q os mercadores Portuguezes não são as pessoas immediatas, e boa, entrão nas mesmas companhias com 4te Simonos de dinheiro q divididos a Portugal não so lhes fará grande falta, senão tambem 5te guerra.

E não so vindo q 6te este Reyno os mercadores de Hollanda, e Castella, senão os de França, Olanda, e Italia, Allemanha, Veneza, Indias occidentais, e outros 7os com o Reyno se fizerem poderosissimo e sua conservação ficará mais facilitada, tolerando os direitos das alfandegas de maneira que elles bastem a sustentar os gastos da guerra sem tributos nem opressão dos povos como esperão clamadores, e descontentamos podersela pagar os juros, as tenças, os catanos q as lendas reis Reyo não chegão; e terão os vassallos como fis Reyes, por a impossibilidade retirão dos 8os da companha crescendo o comercio a baixa o preço dos mercadores estrangeiras, subirão a maior valor as drogas do Reyno, e de nossas conquistas crescerão a gente q se fará 9te 10te do poder, e terão o bom giudo e abundante de mantimentos, os homẽs de negocio deste Reyno q com a desconfiança de poucos fauxiedos se diz q são pouco confidentes, e perjudicão ao Reyno com avisos e diversões, de dinheiro ficarão por este meio assegurados e restituidos a maior confidencia, razão q quando não outra tantos era dem 11te pelo pelo 12o numero, e importancia destes homẽs, e não so se mostra a fidelidade delles, senão a dem 13os christãos velhos, q por julgarem pouco provavel a concorrencia de Portugal ainda tem o animo em cabella, e de certo q o Reyno crescer em poder tanto mais firmes raizes lançarão a fidelidade ainda dos mais zelosos Portuguezes, terá V. Mgte grande numero de gente maior de seus vassallos sem os comprar, nem allugar aos estrangeiros, ou os concertar pois quando queira fazer armadas, ou mandar soldados aos conquistas, enfrestando as Frotas do Brazil, restaurarsela a comercia da India se os Olandezes quizerem vir em algum commercio sobre as praças q nos tem occupada, terá V. Mgte vassallos q possão emprestar contide de dinheiro, e esperar as consignações com q se ayudarão e quando os Olandezes como he certo, se retirarem na Bahia, Pernambuco, e Rio de Janeiro, terá V. Mgte quem levante companhias contra as suas, e poderá romper, e rezistir, e aceitar a boa vontade do Conde Nasau, e

nota — efectuar outros tratos com os capitaes de suas fortalezas, mais fieis de rezistir pela interesse q pelas armas, e so deste mais 14te se pode restituir a India, Angola, e Brazil e ajudarsela tambem V. Mgte das intelligencias e industria destes homẽs, por não so por sua industria se poderão trazer das nações estrangeiras por mui accessiveis preços as cousas necessarias q a guerra, mas tambem por suas intelligencias secretas se poderão saber os designios, e granjear as noticias dos Reynos estrangeiros, sem as quaes senão pode bem governar o Reyno. Finalmente estes homẽs sabem meter neste Reyno grande numero de milhões aos quaes se pode V. Mgte socorrer em hum caso de necessidade sem opressão do Reyno, nem ainda dos mesmos mercadores, por entendese os homẽs de negocio q estão em Lisboa por hum donativo com q servirão a El Rey Dom Sebastião a hum pela sinta q a fazenda dos q Caxia nesta praça subir a sincoenta milhões, não chegando a dous o que hoje se em todos os homẽs de negocio de Lisboa, e como toda a fazenda está sempre entrando e saindo, se conta abriquada q em cada tres annos pagão os mercadores de direitos quanto importa da cabeça, e neste respeito se deixa bem ver quanto encerrão as rendas de V. Mgte admitindo os homẽs de negocio q ninguem terão tam ricos nem poderosos, como hoje estão no Mundo.

Se em todos os Portugal não se pode concertar sem os dinheiros, q este dinheiro não da mão mais e perfeita q o comercio, e o comercio não da outros homẽs de cabedal e industria mais q os da nação, e mais dos V. Mgte poderão sustentar a guerra contra Castella ainda q durem 15os tempos, como vemos no exemplo dos Olandezes, q fiandose a sua conservação na mercancia não se tem cabedal q rezistir como são rezistido a todo o poder de Hespanha, mas q se tendo os mares, e conquistar as Pro=

Provincias unidas do Mundo, por falta de cuidado se reduzio a opprobrio, e grandeza de Portugal ao miseravel estado em que V. Mag.de o achou, e a restituiçam dos Estrangeiros. Este mais certo caminho de V. Mag.de restituir ao antigo, e ainda mais feliz estado, este o abre Deos, p.a o conduzir Portugal a sua ruina, este quebrar a força tirando por arbitrio, retirando os mercadores, e chamar a p.a as praças de Castella os homens de negocio, e chamar a V. Mag.de a restituir outra vez a Portugal que não pode ser boa razam de estado p.a a nossa restituiçam, e conservaçam continuar, e ajudar os mesmos meios q. nossos inimigos tomaram p.a nos perder.

Esperay duas leis as causas q. desnaturalizaram deste Reino aos homens de negocio, ou culpas dos estrangeiros, ou receio do Santo Officio com q. as causas da fee se tratam neste Reino: Como a segurança, para tomar aquelle V. Mag.de lhe deve dar sua real palavra de admitir perdoa q. elle alcançarem da Santa Sede, e sua Santidade de julgar ser mais conveniente se guarde nas inquisições deste Reino como se tem feito, em todas da Christandade, onde ha inquisições.

Mas ay sabem alguns q. com mais piedade q. bem fundado zelo cuidam q. com esta premissa se encontra a quietaçam de nosso Santo fee, e q. no effeito ou q.do menos na apparencia ficam parecendo Portugal menos catholico admittido homens que publicam ser emendados, ou por fugirem do Reino se fizerem suspeitosos de Rengas, a este exemplo se responde primeiro com mais razam, como mais superavel as conveniencias desta queixa. Primeiramente fazer os homens de negocio, e admitilos neste Reino na forma q. se requereo, não ha contra ley alguma divina nem humana, antes he muito conforme aos sagrados Canones, doutrina dos Padres, e resoluções de Sr.s Conselhos geraes, e particulares q. não sepam aqui por não embaraçar este discurso e se allegaõ sendo necessario.

He tambem conforme a sentença commum de todos os Theologos os quaes ensinão q. p.a defensa, e conservaçam dos Reynos podem os Principes conforme, chamar, e admittir qualquer genero de infieis, se alguns Doutores limitão esta conclusam. E isso em caso q. os taes infieis fossem tam barbaros, e inhumanos, q. ouvessem de destruir os templos, profanar os altares, assistar os sacerdotes, e virgens consagradas a Deos, ou se não temes q. fazes os Mouros de nossos, antes de certo q. conservaçam, e augmentaçam o culto Divino como sempre fizerão, e fazem neste Reino.

E q. os Principes, e Reis mais amigos de Deos se unirão muitas vezes com infieis Sr.s para fazerem guerra a seus inimigos, ou se conservarem na paz, aprovando estas acções o santo Concilio, tudo da mesma escritura se ve por exemplo nas Historias sagradas, e assim temos q. Abram se confederou com Abimelec, David com Achis Rei, e os Machabeos com os Romanos, tudo exemplos fortissimos, e de authoridade inregavel.

nota — Tambem se funda esta verdade na doutrina do Evangelho, onde Christo Senhor nosso falando em parios termos, aconselha q. se deve dissimular a Sizania p.a subtrahir as raizes do trigo, entendendo por Sizania os infieis, e por trigo os catholicos, como affirmão todos os Doutores, e o mesmo Sagrado representou o Senhor o santo e real entendido zelo dos q. com perigo da conservaçam do trigo querião arrancar a Sizania, e mandou q. a deixassem estar, e crescer juntos na mesma eira.

Este mesmo juizo, approvas, e aconselhas universalmente todas as nações do Mundo catholicas, e politicas, e o sentem assim os mesmos Portuguezes, tirando alguns poucos q. levados mais da apetenção geral, q. de fundamentos verdadeiros o contradizem, sendo o seguido approvado, e desejado as pessoas mais calificadas do Reino em limpeza, e nobreza, letras, virtude, Religiam, intelligencia, e experiencia de governo, e as mais zelosas da propagaçam da fee, augmento, e conservaçam da saude, e honra da nação Portugueza.

E quando nada disto houvera bastava o exemplo, e consentimento universal de todos os Principes da christandade q. assim o fazem, porq. não podemos negar aos Reis catholicos de Castella, tam zelosos da Religiam christãa, e sabemos q. admittem os Estrangeiros de nação, e os chamão, e convidão p.a os seus Reynos como fizerão estes annos passados atantos mil casas de Portuguezes, a quem entregarão os assentos e contratações Reaes, por experimentarem nelles mais fidelidade e menos interesse q. nos genovezes.

Os Reis de França no nosso, e nas outras christianissimos e particularmente em nosso Rei Luis decimo terceiro o justo tam grande defensor, e propagador da fee q. por obrar a religiam catholica quasi

e quasi destruiu seu Reyno, arrasando muitas Cidades de herejes, e tam longe estava de lhe pedir de
France os mercadores de nação q no mesmo tempo Ser estava fazendo grandes guerras, se servia
m delle, e se ajudava de suas fazendas pela substentar os exercitos a mudar em q leos aprepa
rou, e o mesmo fazer continuar a Rainha Regente e o mesmo Rey de France, o Emperador, a Republi
ca de Veneza, o Duque de Florença, e todos os Potentados catholicos guardão o mesmo estilo com a
gente de nação, e finalm.te o Summo Pontifice vigario de christo e verdadeiro Rey de fee não
soo admitte os q nos chamamos christãos novos, entre os quais e os outros nenhua differença se faz
em toda Italia, senão q dentro no mesmo Roma, e embatrar Alabes consente sinagogas publicas
de Judeos q professão a lei de Moises. Pois se na cabeça da Igreja se consentem tantos que
professão publicam o judaismo, porq não admitirão Portugal tantos christãos, e outros
de q se pode haver suspeita q erão bons verdadeiros, e se os Principes catholicos admittem, e
favorecem os mercadores Portuguezes por suas razoes, e conveniencias, como pode ser conveniencia
e razão q nos os lancemos de nosso Reyno, isto he querermos ser demasiadamente justos, contra q
acomselha o spirito Santo, noli esse nimis justus, e por seguirmos a virtude vimos a dar nos extre=
mos em q a mesma virtude se perde: Se os mercadores Portuguezes forão assistidos de outro
Principe deveo Portugal chamalos, pelas mesmas conveniencias porq os outros Principes christ=
aos os desejão, pois q razão pode haver p.a q lancemos de nos os q se forão voluntariamente
admitir, e contudo tem quinhos.

Mas p.a persuadir, e convencer esta razão não he nec.ro recorrer a exemplos de fora porq den=
tro em Portugal os temos tam evidentes q se bem repararmos nelles, os admittiremos q admittimos
por m.tas vias, e nesmo q por estas difficultamos.

nota — Se a Cellar conveniencias do comercio admite Portugal como se ve em Lisboa e em todas as
Cidades maritimas; muitos herejes de Olanda, de Inglaterra, e de France, q m.to he logo q se ad=
mitão, e conservem os Estilos da nação, sendo nelles m.to maiores as razões de nosso interesse, porq
pelo q ganhão os mercadores Olandezes, Francezes e Ingrezes, enriquece a Olanda, Franca, e In=
glaterra, e o q negocião os mercadores Portuguezes, isto enriquecem a Portugal, Verdadeiram.te
he dificultosissima de entender a razão de estado de Portugal, porq sendo hum Reyno fundado
todo no comercio, os seus mercadores Portuguezes lançados q os Reynos estranhos, e os merca=
dores estrangeiros admittidos dentro em si, p.a q o proveito, e interesse da negociação e comercio
venha a ter todo dos estranhos, e da nosso, e se entende este argumento porq os os mercadores
Portuguezes ganhão, seos Reynos estranhos se fica, e os estrangeiros ganhão nesta p.a la vai.

Tambem vemos q não se contenta Portugal, antes clama a sua custa, e está sustentando
com excessivos soldos muitos herejes Olandezes, e Francezes, e entre estes herejes e os Christãos novos
ha m.ta differença porq huns vemos levar o d.o, e outros vimos fazer, huns publicam são
calvinistas, e Lutheranos, outros publicam professão nesse catholica, huns profanão os templos
e altares, outros edificamos, e enriquecemos, huns se delinquem publicam contra a fee de=
simulamosse, outros se delinquem ainda q sejão occultam quei mamos, e tomamosse a fazenda
e finalm.te a finalm.te a heresia das outras nações he m.to mais contagiosa, q o Judaismo porq os está
mais distante pegasse menos, e o Judaismo como não confessão a christo dista mais da fee catholica, que
as seitas dos outros herejes q todos o confessão, e assim vemos q France, Alemanha, Inglaterra,
e quasi toda Europa está infisionada da heresia, e o Judaismo não passa dos limites da mesma
nação, pois se a necessidade da guerra nos obriga a admitir entre nós as heresias mais contagiosas,
porq não admitiremos as q o são menos.

Principalm.te se com não admitir estes mercadores se alimpava Portugal todo
da gente ruim, parecia materia mais consideravel regatear em os chamarmos, mas quando
Portugal está cheo de p.tes está tam cheio desta gente q em parte q dizão mais alguns, sobe se ha
[illegible] Reyno, e não admitiremos outros poderem estes serem de m.ta virtude, e os outros de
[illegible] com nosco os q não nos podem ajudar, porq não admitimos os q nos hande ser de
prejuizo.

Argumenta-se q os Judeos da nação q estão espalhados por toda Europa, nós não os lançamos
de Portugal elles se forão voluntariam.te, porq dificultamos logo, admitir os mesmos q havião de
estar

estar com nosco se sentão, tiverão lido, principalmte os danos q Portugal experimentou de sua ausencia nas quebras do comercio, e a opulencia q alem elles crescião nossos inimigos
antes são motivos p os clamarmos q razões p os desejarmos.

E não só não se entra a parte de nossa Santa fee admitir os Estrangeiros de negocio neste
Reyno, como atte agora se tem mostrado; mas antes bem conhecendo as conveniencias, e utilidades
de sua admissão sem obra digna de serviço de Deos, gloria da christandade, e augmento da fee.
Porq estando como estão por nossos pecados occupadas pelos Erejes Olandezes, parte de nossas
conquistas onde florecia a fee catholica, he certo como digno de lastima, q não só nos gen-
tios, e christãos daquelles nações, recem convertidos se tem atado o fogo das heresias, e abrasado
as nossas ceinas de Christo, senão q tambem pela visinhança, conversação, e daqueza da vida, e
falta de doutrina e sacramentos se vão introduzindo os mesmos erros nos Portuguezes, e seus filhos,
dos quais se tem achado mais exemplos em Pernambuco, e outras partes do Brasil, e se vão tornando à dorma à evidencia.
Pois se admittindo agente de negocio se espera como fica mostrado q seja p o Reyno, com
conquistas, e restituir alli Mte e a fee aquelles graças do Mundo, e q p os legitimos
os meios tam efficazes de hum Rei tam piedoso e catholico! Se o dinheiro dos Estrangeiros
está sustentando as armadas dos erejes, q semeam, e estendem pelo mundo as seitas de Calvino
e de Lutero, não he maior serviço de Deos da Igreja q sirva este mesmo dinheiro as armadas
do Rey mais catholico p propagar, e dilatar pelo mundo a lei e fee de Christo? Sirvasse V Mte
senhor de conservar o seo debaixo tam catholica, e forte, e não deseje maior gloria que
dos Zello de V Mte q ser o David deste gigante, vença V Mte à infidelidade com suas forças
armas, degolando à Idolatria com a espada do Judaismo; Assim como os mesmos Reyes guardados
dos os governaram conquistarão a terra de Canaan com os thesouros dos Egipcios.

E não só nos gentios de nossas conquistas melhorarão o partido da fee senão nos mesmos
Estrangeiros da nação Hebrea fugitivos deste Reyno, porq he certo q nos estranhos onde vivem com libera-
dade de consciencia, muitos delles são verdadeiros catholicos nos quaes se augmentarão a fee e
piedade, todos seus inocentes morrerão bautizados, e salvarão tantas almas q por falta de
bautismo se perdem, e ainda os q interiormente sirem infieis vivendo entre christãos, e avista
dos bons exemplos, verdade e doutrina de nossa Santa fee, terão a ocasião de se convertem
a ella q entre os herejes lhe falta, porq posto q a experiencia tenha mostrado q he fingida na
christandade de mtos, amão de Deos não he abreviada, nem lhe devemos de desconfiar dos poderosos
efficazes de sua graças, pois sabemos q desta mesma nação he, e ouve em todas as Idades da Igreja
catholica mtos Estrelas Sanctissimos, e doutissimos, q com a quieza da vida, e verdade da doutrina, a
illustrarão, e mtos q com o sangue a ajudarão a plantar, e defender, porq confessão desta nação
forão os sagrados Apostolos, e a virgem Sanctissima, e este foi o sangue q o Filho de Deos se dignou
tomar p o preço de nossa redempção, e união de sua divindade, q he a razão entre todas q
deve mover a clemencia de V Mte a se compadecer da miseria desta gente, e procurar o remedio
ou de sua inocencia nos bons, ou de sua cegueira nos maos, devendo se esperar com mt fundam
q por meio do favor de V Mte fazer aestes Estrelas, se alcance delles o q pela severidade dos Reyes
se não tem alcançado, porq alem de ser de fee q toda esta nação se deve converter, e conhecer a Christo,
as nossas officiais contão esta felicidade entre os prodigiosos effeitos do milagroso Reynado de V Mte
porq dizem q os Rey incubertos virão ajudar os filhos de Israel, e q por premio deste socorro tirarão
o conhecimento da verdade de Christo a quem reconhecerão, e adorarão por Deos.

Supposto q esta materia sendo de tanta importancia p a conservação do Reyno, em
nada encontra, antes para ajudar mto q a bem de nossa Santa fee, V Mte deve mandar resolver
sem nenhum escrupulo de consciencia, nem receio de q Deos se desagrade desta acção verdadeiramente
justa, e piedosa, e emprome deste seguro alegro sob a V Mte a memoria dos Senhores Reys Dom
Manoel, Dom João 3o, e Dom Sebastião em cujos differentes sucessos nos dão bem a conhecer, a
occulta disposição da prudencia divina q sinão desagrada deq os Reys catholicos usem de piedade
e clemencia com estes Estrelas, os Rey Dom Manoel de gloriosa memoria os admitiu neste
Reyno e lhes prometeu os favores q se contem nas palavras seguintes, q são de huã provisão Real

Mto

seu / Elrey prometemos, e nos aprouz q. daqui em diante não queremos vendas adeuenças, nem defesa como sobre gente distinta, e apartada, mais q. sim nos aprouz em todo seja tratada, e fauorecida, e tratada como qualquer outra dos seus sem serem distintos, e apartados em cousa alguma. Este mesmo confirmou depois o XX. Elrey Dom João 3.º o qual fauoreceu, m.to os Gomes de nação, e se seruiu delles em portar a negocios de grande confiança, e de certo q. elles deuem Elrey ter os mais felices de Portugal, e seus amos os mais ricos, e gloriosos assim pertual como temporalm.te pelos m.tos deliberados a fee, e enriquecimento delrey, a elrey Dom João 3.º veo a Dom Sebastião, o qual reuogou, e leis em contrario q. os Elrey seus antecessores tinham feito com a gente da nação, (o qual reuogamento por q.to fundam.to de direito julgamos m.to ser nullo, e inualido) e dos sucessos de Portugal no tempo delrey Dom Sebastião, são bem celebrados as lagrimas de 60 annos q. a fee e a clamação de V. M.de nos enseinou; Não se infere, nem pode inferir daqui q. ha diferença como o sendo Elrey contrario a gente da nação foi causa da desigualdade de seu sucesso, mas infere-se bem, e prouase com clareza q. nem o fauor, como o tratamento os deus primeiros Elrey he retido a causa de sua felicidade, nem origem.

BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA